

CARTAS AO EDITOR

A seção Cartas ao Editor é um espaço aberto aos leitores que desejarem se manifestar sobre matéria publicada ou qualquer assunto referente à Bioética. As cartas serão transcritas na íntegra ou parcialmente, a critério do Conselho Editorial. Quando se tratar de crítica ou comentário a qualquer dos artigos publicados, o Conselho Editorial procurará sempre ouvir a opinião do(s) autor(es) citado(s).

Como devemos encarar a transfusão de sangue?

Hoje, pode ser um desafio para a maioria dos profissionais médicos tratar seus pacientes sem quaisquer transfusões de sangue total homólogo. Este é um dilema com que muitos se confrontam, haja vista existir no globo terrestre mais de cinco milhões de Testemunhas de Jeová (no Brasil são cerca de 400.000). Já nos perguntamos porque este grupo religioso não aceita tal terapêutica? É fundamental, no relacionamento médico-paciente, que conheçamos profundamente nossos pacientes, atingindo o âmago das suas angústias, temores e inquietações. A única forma de conhecê-los bem é por meio de um boa anamnese. Lamentavelmente, muitos esqueceram dessa verdadeira base para um correto diagnóstico, valorizando em demasia os exames subsidiários e a propedêutica armada, desconsiderando os valiosos dados anamnéticos.

Retomamos a questão: porque as Testemunhas de Jeová rejeitam o uso das transfusões de sangue e seus derivados primários (plasma, concentrado de eritrócitos e plaquetas)? Qual a base real para tal posicionamento? Inúmeros colegas em todo o mundo fizeram-se esta mesma pergunta, após o que puderam entender melhor estes pacientes. O resultado foi que apenas nos Estados Unidos criaram-se mais de 60 centros médicos, universitários e privados, que proporcionam *bloodless treatment* em todas as especialidades médicas. Em países europeus do Primeiro Mundo e na Austrália o mesmo tem acontecido. Por quê? Em primeiro lugar, pelo respeito ao paciente e suas convicções religiosas, na premissa de "tratar o paciente por inteiro" e não apenas topograficamente. A Bioética focaliza esta temática, ou seja, é de fundamental importância escutar o paciente, considerando-se seus valores morais, éticos, religiosos e filosóficos.

Quem são as Testemunhas de Jeová? São pessoas pacíficas, honestas, bons cidadãos que respeitam as leis vigentes no país em que moram, desde que estas não colidam com a lei maior expressa na Bíblia, cujos ditames norteiam integralmente o seu modo de vida. Amam a vida e desejam viver com plena saúde. Acreditam na ciência e querem fazer uso dos atuais e confiáveis recursos tecnológicos disponíveis na moderna prática médica. Não são fanáticos religiosos, não procuram curas milagrosas ou sobrenaturais, mas rejeitam o uso do sangue baseados em princípios bíblicos. Querem ser tratadas por médicos competentes e que respeitem os seus pontos de vista. Vamos entendê-las melhor: Jeová, o Deus Criador de todas as coisas, o Deus Abraão, Isaac e Jacó, prescreveu logo após o dilúvio que o ser humano não deveria fazer uso do sangue em hipótese alguma. Nas Sagradas Escrituras Hebraicas, em Gênesis 9:34, lemos: "Todo animal vivo pode servir-vos de alimento. Somente sua carne com sua alma, isto é, seu sangue, não deve ser ingerido". Ainda em Levíticos 7:26-27, reza: "E vós não deveis comer sangue em qualquer lugar que estejais. Qualquer alma que comer qualquer sangue, esta alma deverá ser decepada do meu povo"; ainda no capítulo 17:10-16, verifica-se: "Qualquer homem da casa de Israel ou qualquer residente forasteiro que more como estrangeiro que comer qualquer sorte de sangue, Eu certamente colocarei a minha face contra este homem, que come sangue, e irei cortá-lo de dentre meu povo. Porque a alma da carne é o sangue". Interessante notar que o apóstolo Lucas, o médico, escreveu nos Atos dos Apóstolos 15:28,29: "Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós mesmos não vos acrescentar nenhum fardo adicional, exceto as seguintes coisas necessárias, de **abster-vos** de coisas sacrificadas a ídolos e **de sangue** e de coisas estranguladas e de fornicção. Se vos guardardes cuidadosamente destas coisas prosperareis. Boa saúde para vós". Percebe-se de acordo com esses princípios que as Testemunhas encaram o sangue como a própria Alma, portanto, algo sagrado, que pertence exclusivamente ao Criador. Baseados nestes princípios bíblicos é que este grupo religioso abstém-se completamente de sangue, isto é, não o ingere por via oral ou parenteral.

Se meditarmos cuidadosamente nesta temática, à luz da Bíblia e dos atuais conhecimentos médicos, concluiremos que Deus está certo, a Bíblia está certa e que Lucas orientou adequadamente os cristãos, mostrando inclusive que se houvesse abstenção de sangue eles certamente teriam "boa saúde". Isto é uma questão de interpretação? A nós, médicos, cabe procurar entender as crenças das almas aflitas que confiam na nossa perícia e tirocínio para minimizar ou sanar seus sofrimentos, e não questionar se devem ou não aceitar a Bíblia como guia e orientação prática de suas vidas.

Incontáveis artigos médicos têm sido editados em periódicos internacionais sobre esta questão, enfocando-a num prisma despojado de preconceitos e tendências tradicionais, analisando-a à luz de modernos avanços tecnológicos, éticos e científicos. A ciência médica está em constante mutação evolutiva para o benefício da própria humanidade. É obrigação do médico atualizar-se constantemente e o fará em virtude do respeito que deve ao seu paciente e no

cumprimento do Código de Ética Médica, que deve nortear a prática desta nobre arte profissional.

Interessante notar que muitos colegas hematologistas assim têm se expressado: "A melhor transfusão de sangue é aquela que não é realizada". Isto porque são estes especialistas os que mais conhecem os graves riscos e toda a problemática envolvida nas transfusões de sangue. Paradoxalmente, entretanto, não são eles os que geralmente prescrevem transfusões. Seria prudente e ético o médico realizar terapêutica em área específica na qual não é especialista? A realidade é que as transfusões são prescritas baseadas em protocolos de condutas, às vezes ultrapassados, e de forma pragmática, sem o adequado substrato técnico-científico. Qual tem sido o resultado? Mais de 80% das transfusões são mal indicadas, desnecessárias e iatrogênicas (Hillman, 25, *Hematology*, 1990). Seria prudente correr o risco, que poderia implicar numa morbidade e mesmo letalidade relevante aos nossos pacientes?

Surge, entretanto, outra questão ética: deverá o médico deixar o paciente morrer e não prescrever sangue (corretamente indicado) que poderia salvá-lo da morte, em virtude de suas crenças religiosas? Esta questão merece profunda e ampla reflexão. Quem é o responsável pela manutenção e tutela da vida? Deus, o Estado, o médico ou o próprio indivíduo? Notemos a questão do aborto provocado: em diversos países a Constituição garante a liberdade de escolha para a mulher no sentido de manter ou não uma gestação indesejável. No Brasil, o aborto não será criminoso se a gestação tiver ocorrido em virtude de estupro ou se acarretar risco de vida materno. No caso de risco de vida materno, será solicitada autorização judicial para ser realizada a interrupção gravídica, coercitivamente, para salvar a vida de nossa paciente? Obviamente, não! A vontade da paciente é soberana! O aborto somente será realizado com a concordância dela. Jamais se interromperá uma gestação ou proceder-se-á terapêutica oncológica em paciente portadora de câncer mamário, por exemplo, se a paciente assim não o desejar, sejam quais forem os motivos. Outra situação: quem impedirá que um jovem lute por seu país, defendendo os interesses nacionais às custas de sua própria vida? Não morrerá ele por amor à Pátria? Observa-se que o patriota é um religioso fervoroso e sua religião é o próprio nacionalismo. Assim, notamos que existe algo superior à própria existência, ou seja, uma consciência limpa e segura do dever cumprido, sejam quais forem as conseqüências! Entendemos, portanto, que as Testemunhas de Jeová objetam as transfusões de sangue em obediência exclusiva ao Criador. Quem somos nós para impedir ou usurpar o direito individual legítimo de qualquer pessoa, cujo afã é obedecer as ordens Divinas?

Mas, as transfusões de sangue salvam realmente a vida? Quão seguras são? Sabe-se do potencial deletério que tal prática acarreta, transmitindo agentes nocivos tais como os vírus das hepatites, o citomegalovírus, os vírus de Epstein-Barr, do sarampo, da febre amarela e da famigerada AIDS, dentre outras viroses, além de afecções como sífilis, doença de Chagas, leishmaniose, brucelose, tifo, salmonelose, doença de Lyme, dentre outras. Podemos garantir a qualidade total do sangue? Todos os bancos de sangue são confiáveis? Mesmo nos melhores será que se garante confiança absoluta, que o sangue ali testado - note-se que apenas algumas doenças são testadas - não transmitirá quaisquer tipos de doenças conhecidas ou até mesmo desconhecidas? Em relação à síndrome da imunodeficiência adquirida sabe-se que o sangue poderá ser falsamente negativo e que indivíduos positivos poderão não desenvolver anticorpos contra o HIV. Ainda, a transfusão de sangue equívale a um transplante de órgão (o sangue é o tecido hematopoiético), com todas as suas conseqüências e riscos. A transfusão inibe a migração macrófágica e aumenta a produção de tromboxano, prostaciclina e prostaglandina E2, sendo essas últimas substâncias comprovadamente imunossupressoras.

A comunidade científica - preocupada com a gravidade e os riscos carreados pela prática transfusional e sensibilizada pela posição das Testemunhas de Jeová e outros que não desejam fazer uso de sangue e hemoderivados, grupo que tem crescido geometricamente em decorrência dos altos riscos - tem desenvolvido técnicas e táticas que dispensam o uso da terapia transfusional. À guisa de exemplo, pode-se citar os perfluorocarbonos (sangue branco) que carregam oxigênio, liberando-o nos tecidos (função hemoglobina-símile); a desmopressina, o ácido e-aminocapróico e o ácido tranexâmico que agem no sistema coagulação/fibrinólise, mantendo o adequado equilíbrio nos distúrbios da coagulação. Tem-se disponível expansores do plasma cristalóides (solução de Hartman, salina, etc.) e colóides (dextran, gelatina, hidroxietila de amido), o que permite terapêutica eficaz e desprovida dos riscos transfusionais. Com o avanço da engenharia genética foi possível produzir-se fatores estimulantes hematogênicos (de granulócitos, de plaquetas e de eritrócitos) úteis nas anemias graves de quaisquer etiologias, nas plaquetopenias e leucopenias. Os produtos, equipamentos, técnicas e táticas para evitar o uso da transfusão de sangue são inúmeros e fartamente demonstrados pela literatura médica, ratificando a eficácia e os efeitos do uso não-abusivo do sangue.

Infere-se, portanto, que quaisquer intercorrências médicas são passíveis de tratamento sem transfusões de sangue. Tal assertiva é corroborada pelo desenvolvimento e crescimento de centros médicos especializados na terapêutica sem transfusão de sangue nos países desenvolvidos, que têm como norma a qualidade total no tratamento médico, considerando-se os valores intrínsecos individuais do maior interessado, o próprio paciente.

Acima de tudo, o médico deve estar imbuído de elevado bom-senso, respeitando profundamente o paciente, que em nós deposita toda sua confiança, focalizando a terapêutica integral do ser humano e não apenas o seu aspecto

somático.

Elbens Marcos Minoreli de Azevedo

Ex-coordenador e professor do curso de pós-graduação em Tocoginecologia da UNITAU; ex-assistente doutor da Clínica Ginecológica do Hospital das Clínicas da FMUSP

[O assunto acima abordado é tema freqüente nas discussões bioéticas internacionais. Não há dúvida que o pluralismo moral é uma das marcas mais fortes dos tempos atuais. A questão da autonomia do paciente, ou seja, o direito do mesmo em aceitar ou rejeitar determinada(s) intervenção(ões), é também um dos assuntos mais estudados pelas pesquisas bioéticas, sendo oportunamente levantado pelo autor na situação específica das Testemunhas de Jeová com relação às transfusões de sangue. A revista Bioética enfocou o assunto em uma secção Caso Clínico (1996;4:97-105,1996).

É pertinente ressaltar, no entanto, que algumas afirmações do autor certamente merecerão contra argumentação e/ou reparos, talvez até de forma enfática, de médicos e outros profissionais que tratam da matéria. Referimo-nos especificamente a duas passagens:

1. "Seria prudente e ético o médico realizar terapêutica em área específica na qual não é especialista?"
2. "Quaisquer intercorrências médicas são passíveis de tratamento sem transfusão de sangue".

Os Editores]